

Mercados reagem ao aumento da tensão na Ucrânia

Crise na Europa Incidentes em Donbass podem ser pretexto para ação russa

Tensão cresce com disparos na região leste da Ucrânia

Yaroslav Trofimov e Ann M. Simmons

Dow Jones Newswire, de Kiev e Moscou

A violência no leste da Ucrânia cresceu ontem. Separatistas apoiados pela Rússia e autoridades ucranianas trocaram acusações sobre violações do cessar-fogo ao longo da linha que separa os dois lados. Governos ocidentais reiteraram que a Rússia continua a reunir tropas nas fronteiras de seu vizinho.

Um jardim de infância e uma escola em cidades ucranianas na região do Donbass foram atingidas por morteiros, segundo o Exército ucraniano e moradores. O ataque teria partido de separatistas apoiados pela Rússia, que controlam parte do território das províncias ucranianas de Donetsk e Luhansk, na região de Donbass. Segundo os separatistas, ataques de morteiros também danificaram prédios nas suas cidades. Não houve mortes.

O presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, que visitava tropas na linha de frente em Donbass, classificou os danos ao jardim de infância (onde, segundo moradores, havia 20 crianças na hora do ataque) como uma "grande provocação" dos separatistas pró-Rússia. A Embaixada dos EUA na Ucrânia condenou o ataque como uma "violação russa hedionda" dos acordos de cessar-fogo que "mais uma vez demonstra o desrespeito da Rússia pelos civis ucranianos em ambos os lados do conflito".

Autoridades separatistas em

Donbass acusaram a Ucrânia de forjar o ataque. Em Moscou, o porta-voz do Kremlin, Dmitry Peskov, culpou Kiev pela elevação da tensão. "Está claro que a situação em Donbass tem se agravado", disse, segundo a agência Tass. "A situação nas fronteiras da Rússia pode pegar fogo a qualquer momento."

A Rússia tem cerca de 150 mil soldados ao longo da fronteira com a Ucrânia, segundo estimativa dos EUA. Moscou alega que começou a retirada de parte das tropas, mas autoridades ocidentais dizem que a concentração militar continua e que as forças russas são suficientes para invadir a Ucrânia. A Rússia nega que pretenda atacar.

A Rússia apresentou ontem na Organização das Nações Unidas (ONU) um relatório que formaliza as acusações que autoridades russas têm feito repetidamente nas últimas semanas — de que a Ucrânia procura um "genocídio" da minoria de fala russa no país. Autoridades ocidentais rejeitam essas acusações, que consideram uma tentativa de desinformação para justificar uma ação militar contra Kiev.

A Ucrânia, cujo presidente vem de uma família de fala russa, nega que o país discrimine seus cidadãos de origem russa e acusou Moscou por fomentar o conflito em Donbass, que desde 2014 já deixou cerca de 14 mil mortos e obrigou milhões de moradores a fugirem para outras partes da Ucrânia, para a Rússia ou para o Ocidente.

*Relatos de uma suposta ativi-

dade militar ucraniana fora do normal em Donbass são uma tentativa flagrante do governo russo de inventar pretextos para uma invasão", disse a ministra de Relações Exteriores britânica, Liz Truss, que esteve ontem em Kiev. "Isso saiu direto da cartilha do Kremlin."

O chanceler da Rússia, Sergei Lavrov, negou a acusação. "Tentativas de jogar nas costas da Rússia toda a culpa pelo que acontece na Ucrânia não terão sucesso", disse.

Escaramuças entre forças ucranianas e combatentes armados pelos russos em Donetsk e Luhansk ocorrem regularmente há anos, desde que o conflito começou na região, em 2014, apesar do cessar-fogo acertado um ano depois. Mas os disparos de ontem foram os piores desde 2015, disse o empresário local Aleksey Chemikov. "Muitos moradores estão em pânico, alguns estão tentando fugir, outros tentam se esconder."

Em outra cidade ao longo da linha de frente, Vrubivka, um morteiro atingiu na manhã de ontem o pátio de uma escola primária, segundo disseram moradores por telefone. "Todas as crianças estavam apavoradas, chorando e gritando", disse Olena Makarenko, avó de uma aluna da escola.

Yan Leshchenko, chefe da Milícia do Povo de Luhansk, a força militar de Luhansk apoiada pelos russos, disse que Kiev foi responsável pelo ataque à escola. "Para justificar as ações criminosas do inimigo, o lado ucraniano inventa coisas

e divulga materiais forjados sobre a destruição de infraestrutura civil, supostamente como resultado de disparos da Milícia do Povo", disse ele num post no site oficial da autoridade pró-Rússia de Luhansk.

Na cidade de Luhansk, sete prédios residenciais, além de um gasoduto e uma linha de energia foram danificados por morteiros lançados de áreas controladas pelos ucranianos, segundo disseram os separatistas. Não houve confirmação independente disso.

Autoridades de Kiev e do Ocidente alertam há semanas que Moscou pode usar combates na região de Donbass como motivo para desencadear uma invasão. A Rússia distribuiu passaportes russos para moradores das áreas controladas pelos separatistas e diz que agora tem o dever de proteger seus próprios cidadãos nesses locais. O Parlamento russo pediu nesta semana que Putin reconheça as "repúblicas populares" de Donetsk e Luhansk como países independentes.

Viktor Pris, representante da república popular de Donetsk, disse no Telegram que a situação na região "sofreu uma grande escalada", com mais bombas lançadas desde o registrado em abril de 2021. "O inimigo está tentando desencadear hostilidades ativas."

Na quarta-feira a Ucrânia elevou o status de alerta de suas forças armadas e disse que distribuiu mais munições para suas tropas na linha de frente.



Jardim da infância atingido por morteiro; Ucrânia acusou separatistas russos

Países da UE tentam atenuar eventual choque econômico

Bloomberg

Países da União Europeia (UE), incluindo Alemanha, França e Itália, estão pressionando o bloco para encontrar meios de proteger suas economias na eventualidade de o Ocidente impor sanções à Rússia por causa da Ucrânia.

O governo do premiê da Itália, Mario Draghi, está discutindo com parceiros da UE sobre como amenizar o impacto que medidas punitivas podem ter sobre setores importantes da economia italiana. Segundo fontes, as alternativas incluem possíveis isenções para o setor de energia em meio a algumas outras medidas financeiras.

Alemanha e Itália tentam ainda proteger seus setores bancários. Roma quer que eventuais sanções atinjam indivíduos e não grandes parcelas da economia da Rússia, segundo disseram fontes que pediram para não ser identificadas. Ontem o presidente dos EUA, Joe Biden, alertou que a probabilidade de a Rússia invadir a Ucrânia é "muito alta", apesar de Moscou dizer que não pretende fazer isso.

Josep Borrell, o chefe da diplomacia da UE, disse que um pacote completo de sanções do bloco está pronto e recebeu apoio unânime de 27 países do bloco. "Temos um pacote muito duro preparado", afirmou antes de uma reunião emergencial dos líderes da UE ontem em Bruxelas. Ele acrescentou que convocaria "imediatamente" um encontro da UE para adotar eventuais medidas. "A energia será uma das questões mais importantes nesse pacote", afirmou.

Além do setor de energia, países da UE, como Alemanha, França, Holanda e Polônia, estão preocupados com as consequências de sanções sobre certos setores de matérias-primas e bancos. A Rússia é a principal fonte de gás natural da Europa e cerca de um terço dessas exportações russas flui por meio de gasodutos ucranianos.

A Itália enviou em janeiro um documento não oficial para a Comissão Europeia (o braço executivo da UE), que está preparando as possíveis sanções, em que cita preocupações com medidas que poderiam afetar a economia italiana. Roma também destacou seu setor de artigos de luxo, sobre o qual teme retaliações russas. A Itália pediu à Comissão que trabalhe num mecanismo de compensação que amenize o impacto das sanções para a economia da UE.

A Itália depende muito do gás russo e sua economia seria afetada ainda por sanções que atingissem o comércio, pois é o sétimo maior exportador para a Rússia. O fluxo comercial superou € 20 bilhões (US\$ 23 bilhões) em 2021, segundo dados do governo italiano. A UE evitou compartilhar detalhes das sanções com todos os seus membros juntos, preferindo consultá-los em pequenos grupos para evitar divergências. Os líderes presentes à reunião de ontem não deveriam discutir detalhes, segundo disse uma autoridade da UE.

Mario Draghi disse ao fim da reunião que os países da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan, a aliança militar ocidental) deveriam permanecer unidos em relação às medidas a serem adotadas contra a Rússia no caso de uma invasão. "Precisamos manter nossa estratégia de dissuasão sólida, sem demonstrar fraqueza. Não podemos abrir mão dos princípios fundadores da Otan", disse Draghi.

Ainda ontem a Casa Branca informou que está negociando com a Arábia Saudita mecanismos para estabilizar o mercado de petróleo no caso de sanções à Rússia.

EUA insistem em risco iminente de ataque russo



O presidente dos EUA, Joe Biden, disse ontem que há um "alto risco" de que a Rússia invada a Ucrânia nos próximos dias, que Moscou continua levando tropas para a região e que "há todas as indicações" de preparação de uma invasão. Segundo ele, a Rússia estaria preparando uma operação com agentes infiltrados na Ucrânia, que seria usada como pretexto para uma ofensiva. Pouco depois, em reunião do Conselho de Segurança da ONU, o secretário de Estado dos EUA, Anthony Blinken (foto), disse que um evento repentino e aparentemente violento estaria sendo tramado por Moscou para justificar a invasão.

"Não sabemos com exatidão, mas pode ser um aparente ato terrorista, uma farsa com o uso de drones, um ataque falso — ou até mesmo real — com armas químicas", disse Blinken. Moscou classificou as declarações de "lamentáveis e perigosas". A Rússia vem ironizando nos últimos dias previsões de invasão feitas pelos EUA e que não se confirmaram.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Internacional Caderno: A Pagina: 15